



## LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO: A formação de professores alfabetizadores em Belém do Pará

*Débora Thaissa Monteiro Teixeira<sup>1</sup>*

*Jéssica Lorena Marinho de Souza<sup>2</sup>*

*Brenda Karoline Meireles Sales<sup>3</sup>*

*Danielle de Nazaré Lopes Cunha<sup>4</sup>*

**Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores.**

**Resumo:** A partir da experiência em atividades formativas realizadas pelo Laboratório Sertão das Águas e pelo Grupo de Pesquisa Sertão das Águas /GEPASEA, constrói-se o desafio de implementar o primeiro Laboratório de Alfabetização da região Norte, na Universidade Federal do Pará, que traz consigo a proposição de uma práxis discursiva de alfabetização em sua metodologia possibilitando condições favoráveis para um aprendizado de discentes e docentes dos cursos de Pedagogia, Letras e demais Licenciaturas ligadas à Educação Infantil e Anos Iniciais. Assim, sua implementação configura-se como forma de articular saberes estratégicos e significativos na alfabetização, trazendo identidade cultural amazônica e o percurso formativo do professor-alfabetizador, compreendendo as relações de ensino e cenas da sala de aula, contemplando as particularidades da região Norte. A metodologia do estudo se desenvolve mediante pesquisa bibliográfica, qualitativa e quantitativa articulando as principais ideias trabalhadas em Lucio (2019) e Smolka (2012) a respeito da alfabetização na perspectiva discursiva e Araujo; Camini (2022) para fundamentar a temática envolvendo laboratórios formativos de alfabetização.

**Palavras-chaves:** Laboratório de Alfabetização; Práticas Discursivas; Formação Docente; Região Norte.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens pela UFPA. Bolsista do Laboratório Sertão das Águas, integrante do GEPASEA e do Clube de Leitura Tertúlias do Grão Pará. Contato: [deboratmteixeira@gmail.com](mailto:deboratmteixeira@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela UFPA. Bolsista do Laboratório Sertão das Águas e integrante do GEPASEA. Contato: [jessica.marinho.souza@iced.ufpa.br](mailto:jessica.marinho.souza@iced.ufpa.br)

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia pela UFPA. Bolsista do Laboratório Sertão das Águas e integrante do GEPASEA. Contato: [karolineb2k@gmail.com](mailto:karolineb2k@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Pedagogia pela UFPA. Bolsista do Laboratório Sertão das Águas e integrante do GEPASEA. Contato: [danielle.lopes@iced.ufpa.br](mailto:danielle.lopes@iced.ufpa.br)



## Introdução

*Professor - amado ser que no  
seu labor fecundo, semeia os  
grãos do saber, pelos canteiros  
do mundo!*  
(Antônio Juraci Siqueira)

O nascedouro do Laboratório de Alfabetização deu-se antes de sua concretização em 2022 - mediante o Edital PGRAD-LABINFRA/2022 (UFPA, 2022) -, iniciando, por sua vez, através de ações formativas desenvolvidas pelo Laboratório Sertão das Águas e pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização, Leitura, Escrita, Literatura infantojuvenil, cibercultura, formação e trabalho docente (GEPASA) da Universidade Federal do Pará - UFPA, desde o ano de 2017.

O Laboratório Sertão das Águas é alicerçado ao GEPASEA, e juntos são articuladores de discussões e ações sobre a alfabetização em suas múltiplas facetas, a formação inicial e continuada de professores dos anos iniciais, bem como a leitura, a escrita, a literatura infantil e juvenil e a cibercultura, entre docentes e discentes da Universidade e da escola básica. Levando em consideração este percurso formativo, fica explícita a necessidade e a importância da construção de um espaço destinado às atividades que envolvem a formação e o trabalho docente no ensino básico, fazendo interface com as diferentes áreas do conhecimento (LUCIO, 2019).

Durante os estudos para o mestrado e antes da implementação das ações do Laboratório Sertão das Águas na UFPA, a idealizadora do projeto, em seus estudos (2010) evidenciou a ausência da região Norte em "marcos que entrelaçam a formação de professores alfabetizadores" (LUCIO, 2022). O quadro abaixo foi extraído - de forma parcial - do projeto base enviado ao edital PROEG nº 04/2021 PGRAD/LabInfra 2022.

Quadro 1 – Ações de formação no campo da alfabetização.

Rede Alfa Labs - Rede de Laboratórios de Alfabetização nas Universidades (Rede AlfaLabs). A rede é	Lançamento em 9 de dezembro de 2021	Currículo/Alfabetização/Formação/Avaliação
--	--	--

composta pelo Laboratório de Alfabetização da UFRGS (LÁPIS), o Laboratório de Acervos e Práticas da UFBA (LAP), o Laboratório de Alfabetização e Letramento da UFMG (LAL) e o Laboratório de Alfabetização e Práticas de Incentivo à Leitura da FURG (LAPIL)	Documento em processo de elaboração	
--	-------------------------------------	--

Fonte: Políticas Contemporâneas de Educação no campo da Alfabetização: entre o público e o privado (LUCIO, 2016/2017/2019/2021).

Em seus estudos, Lucio (2022) destaca a ausência da região Norte na participação em demais campos da alfabetização, como na criação da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica - RNFC. Contudo, tais levantamentos evidenciam a falta de protagonismo e direcionamento à região Norte na criação de programas formativos, onde a cultura amazônica, em sua especificidade, seja considerada e valorizada.

Mediante observações e análises dos planos referidos no quadro acima e nos demais resultados de pesquisa, a professora idealizadora levantou a seguinte questão referente às ações da RNFC: “a responsabilidade pedagógica das universidades fomentou de que forma a autonomia e a autoria docente na região Norte do país?” (LUCIO, 2019, p. 150).

Nesse contexto, dos resultados desafiadores referentes ao cotidiano escolar nortistas e amazônicas, foi desenvolvido o Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita Flor do Grão Pará (FALE) intrincado ao Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), junto ao GEPASEA, impulsionada pela inquietação das seguintes indagações: “Como eu ensino? Para quem eu ensino?”.

O FALE Flor do Grão Pará reúne professores e profissionais da educação da rede básica de ensino e docentes da universidade para dialogarem e compartilharem sobre suas práticas em sala de aula, no cotidiano escolar (COSTA, 2021), também atuando como “formação docente instituinte, alicerçado ao exercício da docência [...], de práticas pedagógicas, a partir da e com a experiência” (LUCIO *apud* SAMPAIO, 2019, p. 151).

Lucio (2019) destaca a respeito do Fórum de alfabetização a relevância do encontro e interação entre os interlocutores alfabetizadores, e que estes adotem em suas posturas a

compreensão do outro e de si, das suas falas, práticas docentes e demais processos envolvidos, para que assim possam ter a consciência de que

A concepção de formação, entendida como encontro, é fundadora de discursividade e implica abrir mão de uma formação centrada na aplicabilidade do aprendizado pela valorização da troca de experiências, pela elaboração dos processos de ensino e estratégias de formação. Trata-se de ter a consciência de que os sujeitos alteram concepções, lógicas e pressupostos de ensino e aprendizagem.” (LUCIO, 2019. p.152).

Parte do processo de pesquisa construiu-se por meio da identificação das deficiências imersas no processo de alfabetização em vigência, englobando as políticas de formação docente. Evidencia-se que tais discussões são essenciais para facilitar a compreensão de uma educação discursiva e dialógica, na qual o FALE torna-se o arranjo articulador base para a transformação desta realidade vivida em salas de aulas diversas, onde as discussões articulam-se entre

ensino e prática de alfabetização, língua portuguesa nos anos iniciais, linguagem oral e escrita, e demais disciplinas, visando a formação de profissionais capazes de construir estratégias diversificadas (LUCIO, 2022).

Portanto, este trabalho articula as ações de ensino desenvolvidas para a implementação inicial do Laboratório de Alfabetização da Universidade Federal do Pará, principalmente no contexto da alfabetização na região Norte, o qual busca promover ações e saberes interinstitucionais que fortaleçam a profissionalização, autoria e autonomia dos professores alfabetizadores que aqui atuam.

## **2 Os caminhos constitutivos dos professores alfabetizadores de Belém do Pará**

Considerando que a alfabetização na perspectiva discursiva é um dos alicerces do GEPASEA, torna-se fundamental trazer tal concepção ao debate, dessa forma, dialogaremos com Smolka (2012) e Lúcio (2019), com o intuito de explanar as ligações existentes entre o tema e a linha de trabalho do Laboratório Sertão das Águas.

Dessa forma, evidenciamos que alfabetizar na perspectiva discursiva extrapola a apreensão dos conhecimentos alfabéticos de maneira isolada e descontextualizada; isto é, sem o desenvolvimento de uma intencionalidade pedagógica que objetive em concomitância à compreensão dos saberes específicos da alfabetização, a necessidade de se pensar

criticamente no mundo, de estimular os educandos a refletir sobre si enquanto sujeitos situados em um tempo e espaço, que são capazes de “ser, estar e experimentar o mundo” (LUCIO, 2019, p. 149).

Assim, a alfabetização na perspectiva discursiva propõe situar o sujeito aprendiz na sua realidade, onde, segundo Smolka (2012, p. 35) “o próprio processo de aquisição - da leitura e da escrita - também vai se dando numa sucessão de momentos discursivos, de interlocução, de interação”, em suas experiências e vivências. Ademais, implica na postura do educador, ou seja, espera-se que o mesmo rompa com a postura hierárquica de (único) sujeito detentor do conhecimento, colocando-se enquanto educador aprendiz, de modo a propiciar trocas dialógicas e significativas com a criança, protagonista do processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, a metodologia de ensino deve estar voltada para a inserção dos educandos no mundo da cultura oral e escrita. Em consonância aos estudos realizados por Smolka (2012), buscamos aproximação com os três pontos principais destacados pela autora sobre a perspectiva em questão: os modos de *participação* das crianças na cultura; os diversos modos de *apropriação* da forma escrita de linguagem pelas crianças; e as *relações de ensino*. Podemos observar que é possível a ruptura de práticas engessadas em cartilhas e relações hierárquicas entre professor e aluno, Lúcio (2019) nos traz um exemplo, quando destaca o relato de experiência de uma professora alfabetizadora no I FALE<sup>5</sup> ao propiciar espaço de interlocução em sala de aula e momentos de ensino, além de considerar os conhecimentos preexistentes dos mesmos, o que potencializa o processo de ensino aprendizagem conforme destacado “Alfabetizar é um movimento de *ensinar aprender* colaborativo” (LUCIO, 2019, p. 154).

O laboratório de alfabetização em contexto nortista e paraense adentra a alfabetização por meio das dialogias que as águas do Rio Amazonas abrangem, portanto, busca sistematizar “recursos didáticos-semióticos” para proporcionar

[...] o domínio além da escrita, dos mais variados sistemas culturais [...], deste modo, cotidianamente construindo e exercendo a autoria de seu trabalho, na dinâmica da sala de aula e dos coletivos de trabalho, o professor pode ampliar seu *poder de agir* (NOGUEIRA, 2017, p. 81 *apud* CLOT, 2010).

---

<sup>5</sup> Trecho da fala da Professora Ivanete Gomes, que relata uma vivência em sala com a atividade intitulada “dança das palavras”, onde os alunos descobrem que palavra podem formar a partir de outra palavra. A palavra destacada foi “AÇAÍ” - o qual é um fruto regional, de valor inenarrável aos nortistas-, e as crianças identificaram a palavra “IAÇA”, o que traz à compreensão suas formas de apropriação, de ler e escrever histórico-culturalmente construídas, segundo Lucio (2019 *apud* SMOLKA, 2016).

Desta maneira, Camini (2022) traz o diálogo acerca do papel dos laboratórios formativos no campo da alfabetização, que precisam ter em seu horizonte, o compromisso das instituições públicas como a universidade, na construção de pesquisa, na construção de projetos que auxiliem a sociedade a pensar e repensar as formas de construir a luta histórica pelo direito à alfabetização. Assim, ao centrarmos nossos olhares para a região Norte do país, percebemos um apagamento referente à produção de materiais na perspectiva de alfabetização e letramento, tal apagamento acarreta na produção de outros “vazios”, pois, ao ampliarmos o entendimento de alfabetização em sua perspectiva dialógica, valoriza-se sua potência no processo de constituição dos sujeitos.

Historicamente, os sujeitos nortistas são delegados ao local de esquecimento. Por conseguinte, a criação e implementação do Laboratório de Alfabetização da UFPA, faz-se de grande relevância, ao considerarmos que a sua proposta:

pauta-se pela necessidade de refletir sobre uma identidade para o pedagogo, concebido como docente que leva em conta a linguagem e a alfabetização, no processo ensino-aprendizagem, considerando seu reflexo cultural e sua condição de formador de consciência. (LUCIO, 2022. p. 3).

Ademais, o mesmo tem como finalidade unificar ações de caráter formativo e laboral por meio de práticas e do acervo que irá dispor, sobretudo, que abranjam em seu conteúdo a identidade cultural amazônica, a qual é destaque do referido projeto:

O elo acervos e práticas deve-se à criação de acervo de materiais didáticos específicos da alfabetização dos sujeitos dos interiores, das ilhas, dos quilombos, das aldeias e comunidades ribeirinhas, assim como da região metropolitana. [...] O acervo constituirá a história da alfabetização do Pará. (LUCIO, 2022. p. 7-8).

À medida que o Laboratório de Alfabetização enfatiza sua região formadora, isto é, a região Norte do Brasil – especificamente no estado do Pará –, valorizando e privilegiando o que é característico à cultura paraense como aporte para a construção de suas práticas alfabetizadoras, têm-se uma subversão no que diz respeito à construção de conhecimentos, uma vez que, historicamente, os saberes produzidos nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste são privilegiados na concepção de políticas públicas nacionais. Traz-se o protagonismo aos sujeitos nortistas, como Lúcio (2019) destaca:



Na Alfabetização das Águas nas escolas da região Norte, há que se considerar que cada aluno indígena, quilombola, das ilhas, dos interiores e da região metropolitana, ao produzir textos orais de sua tradição e de seus grupos de convivência, transmite conhecimentos plurais, tradicionais e ímpares. (LUCIO, 2019, p.154).

Assim, reitera-se sua importância enquanto espaço de formação para os estudantes e profissionais da educação da região Norte do país; trazendo consigo a necessidade de promoção de uma reparação histórica para o campo da linguagem e alfabetização, conectando clareza e um trabalho pedagógico dialógico em suas práticas na ressignificação do campo de pesquisa que é o professor e o sentido que ele dá às suas práticas alfabetizadoras.

### **3 Implementação do Laboratório de Alfabetização na UFPA**

O Laboratório de Alfabetização é um projeto de ensino que está em desenvolvimento na Faculdade de Educação, no Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA). O Laboratório atua como um espaço formativo que tem como objetivo principal dar suporte aos discentes dos cursos que formam professores dos anos iniciais de ensino, bem como Pedagogia e demais licenciaturas, proporcionando, assim, condições construtivas de intervenções pedagógicas que facilitam a aquisição do ensino da leitura e escrita, em todo o desenvolvimento na educação infantil e nos anos iniciais.

Em seu projeto base, o Laboratório de Alfabetização (2022) ressalta todo o contexto da pesquisa, sendo notórias as condições desestruturantes presentes nas escolas brasileiras, Mortatti (2013)<sup>6</sup>, ao realizar estudo crítico sobre a “Década da Alfabetização” no Brasil, aponta que a universalização da educação primária não tem significado a universalização do acesso aos conhecimentos básicos, entre outras possibilidades, e são poucos os avanços na alfabetização de crianças. Percebe-se que o engodo da “democratização do ensino” ainda se faz presente na contemporaneidade; onde são mascaradas as reais condições de escolarização, preocupando-se apenas com o quantitativo de alunos matriculados (SMOLKA, 2012). Neste ínterim, resgata-se a reflexão sobre os impactos destes processos; dialogando sobre como essas narrativas formam o caminho do Professor alfabetizador, trazendo a formação crítica como pilar do curso docente.

---

<sup>6</sup> De acordo com Mortatti (2013), a Década de Alfabetização no Brasil “A Década das Nações Unidas para a Alfabetização (2003-2012) integra um conjunto de iniciativas mundiais implementadas, de forma programática, no clima de reconstrução que se seguiu ao de devastação causada pela II Grande Guerra. São marcos emblemáticos desse processo a criação da ONU e da Unesco, em 1945, e a proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948.

Nessa abordagem, destacam-se os componentes teóricos e metodológicos, como marcas da vivência de professores que são as protagonistas-chaves da linguagem e da alfabetização, norteadoras deste grande projeto

[...] Conceber a linguagem e a alfabetização como componentes teóricos e metodológicos de formação do pedagogo proporcionar-lhe-á condições para servir de mediador do conhecimento e da aprendizagem, em meio às diversidades culturais amazônicas (LUCIO, 2022, p. 3).

Esse movimento acrescenta diversas ações, como descreve o projeto base, em função das interações e diálogos com os docentes da educação básica, discentes da universidade e comunidade escolar, destacamos alguns exemplos dos caminhos a serem percorridos:

- 1. Cursos de Tecnologias digitais na alfabetização: o trabalho com jogos e atividades digitais para a aquisição do sistema alfabético e ortográfico de escrita:** visa aprendizagem com os jogos, prazer, interação, e planejamento pedagógico com os educadores;
- 2. Alfabetização e letramento: conceitos e relações;**
- 3. Diversidade textual:** aprofundando o conhecimento dos gêneros textuais em suas funções sociocomunicativas específicas, levando em consideração ao fazer docente na escola, formalizando a necessidade da diversidade textual como prática contínua;
- 4. Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica:** assumindo o estudo do tema sobre a avaliação em língua portuguesa, configurando todos os paradigmas desse processo na alfabetização;
- 5. Alfabetização: apropriação do sistema alfabético de escrita:** prosseguindo na reflexão das práticas alfabetizadoras com a mediação de referenciais teóricos, produzindo saberes dos caminhos percorridos pelos alunos, qualificando a formação do professor-alfabetizador;
- 6. Oficina de Jogos na Alfabetização:** criação de jogos pedagógicos alfabéticos, com o intuito de refletir nas diversas situações vividas em sala de aula e como facilitar a aprendizagem;



- 7. Ortografia na sala de aula:** direcionado o ensino ao aprendizado da norma ortográfica e a análise reflexiva em sala de aula;
- 8. Leitura e produção de textos na alfabetização:** ensino da leitura e escrita, com a integração de diversidade didática no planejamento da alfabetização, adicionando saberes de brincadeiras, poemas, contos, receitas culinárias, anúncios, textos literários entre outros;
- 9. Formação continuada de professores e professoras:** direcionado a coordenadores pedagógicos, educadores de apoio e todos que atuam como agentes formadores na educação. Trazendo a reflexão crítico-reflexiva como identidade construída em sala de aula;
- 10. Fala e escrita:** analisar as relações entre a oralidade e escrita, com base nas discussões discursivas para um trabalho valorizado da língua falada em língua escrita.

Com base nessa construção pedagógica, o projeto proporciona atividades que se destacam por fornecer subsídios voltados à transformação de perspectiva formadora docente e seu olhar para acentuar a aprendizagem dos sujeitos no contexto da alfabetização, conforme o projeto base, Lucio (2022) descreve:

1. Acompanhamento pedagógico com as crianças da comunidade, com as implicações na alfabetização e a observação de sua compreensão na leitura e escrita;
2. Preparação técnica e pedagógica para os jogos na alfabetização;
3. Formação para a utilização da mesa digital de alfabetização;
4. Formação técnica sobre o uso da lousa digital multimídia para o processo de alfabetização;
5. Criação de material didático e multimídia, para a aprendizagem amazônica e ao público infantil e professores em sua formação inicial.

Essas etapas caracterizam uma preocupação consciente em efetivar o projeto de uma forma significativa, didática, lúdica e construtiva com a infância e os formadores alfabetizadores constituídos nesta trilha de possibilidades para a uma formação sólida na

aquisição de conhecimento que dialogue com a práxis social e educativa dos alunos, discentes, docentes, escolas, e toda a formação do ciclo de alfabetização.

Pensar nesses aspectos é caracterizar inúmeros fatores que problematizam a ausência de laboratórios de alfabetização nos currículos das Universidades, e para a expansão da formação docente na prática da alfabetização nas escolas - com ênfase às escolas públicas, por abrangerem a realidade das periferias e comunidades, e toda a vulnerabilidade educacional na consciência das habilidades do processo de alfabetização.

A construção de materiais e recursos didáticos no campo da alfabetização constitui-se, também, como importante movimento para reconhecimento e defesa da cultura amazônica nortista, propiciando a construção de elos de aprendizagem significativos às crianças do norte do país; à medida que a dialogia torna-se princípio estruturante do projeto Laboratório de Alfabetização, é necessário fortalecer os sujeitos em processo de aquisição da leitura e da escrita, corroborando para a afirmação de seu estar no mundo enquanto sujeitos amazônicos (LUCIO, 2019).

Sobretudo, ao considerarmos “a escola como *espaço tempo* de práticas discursivas” (LUCIO, 2019, p. 158), ora, não seria a Universidade de forma semelhante um ambiente gerador de práticas discursivas? as quais merecem destaque e debate? e por isso, um ambiente específico para essas discussões, sendo assim, resultando a necessidade de se ter além das salas de aula um Laboratório de Alfabetização. Uma vez que

Laboratórios formativos são espaços de trabalho no âmbito da formação para a docência, com potencial de envolver ações que articulam ensino, pesquisa e extensão, teoria e prática, estabelecendo relações entre universidade e escola, ensino superior e Educação Básica. (ARAÚJO, CAMINI, p.19-20).

Essa dinamicidade no desenvolvimento de alfabetizar nos mostra flexibilidade com a docência, integração reflexiva com sua prática, com o equilíbrio em repassar o que se aprende, a sua forma de ensinar e buscar novos direcionamentos didáticos responsáveis por abranger um conjunto amplo de competências valorizadas no ensino, teoria e prática. Para Antunes (2004, p. 23) fica clara a efetivação dessa preocupação com estrutura de aprendizados desse formador alfabetizador, vejamos:

Tal formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva que oportunize aos professores condições para a existência de um pensamento autônomo e para desmistificar a ideia de que, ao final do

curso de graduação, o sujeito encontra-se formado, pronto e formatado para o mercado de trabalho.

A partir desse entendimento, considerando-se o contexto da formação em Pedagogia, em específico, objetiva-se estabelecer contraponto à concepção sequencial e justaposta acerca do “desenvolvimento profissional docente” que ainda se estabelece como predominante nas matrizes curriculares dos cursos. A proposta do Laboratório de Alfabetização, então, busca expandir os processos formativos sob a perspectiva de que os saberes se constroem a longo prazo, de modo colaborativo, não mais em situações isoladas de formação (ARAUJO; CAMINI, 2022), desmistificando a formação sem o contato apropriado, caracterizando os fatores culturais na utilização de meios para alfabetizar os sujeitos presentes naquele contexto.

Nessa perspectiva, a proposta do Laboratório de Alfabetização da UFPA, objetiva o elo da criação de acervos de materiais didáticos e das práticas específicas “da alfabetização dos sujeitos dos interiores, das ilhas, dos quilombos, das aldeias e comunidades ribeirinhas” (LUCIO, 2022, p. 7-8), bem como da região metropolitana.

### **Considerações Finais**

Frente ao cenário díspar no campo de estudos e pesquisas sobre a alfabetização no Brasil – tanto quanto à produção de saberes e materiais pedagógicos específicos considerando a realidade amazônica paraense, como quanto à ênfase à perspectiva discursiva –, compreendemos a elaboração e subsequente implementação do Laboratório de Alfabetização na UFPA como possibilidade de enfrentamento e resistência, à medida que o laboratório faz-se articulador dos eixos ensino-pesquisa-extensão para a construção de conhecimentos de saberes especializados sobre a docência na alfabetização (CAMINI, 2022).

Desse modo, salientamos a potencialidade do projeto como fomentador dos estudos no campo da alfabetização e da formação de qualidade de alfabetizadores, sendo um espaço planejado com base teórico-metodológica, para promover aprendizagens, comprometido com o engajamento de cada sujeito partícipe - sejam alunos e professores da escola básica, discentes e docentes da universidade, atuando como uma rede colaborativa, de constância e dinamicidade.

Nesse sentido, a implementação do Laboratório de Alfabetização é, em primeira instância, tarefa de rememoração do trajeto percorrido pelo coletivo de discentes e docentes

que integram o GEPASEA, onde encontramos os alicerces político-epistemológicos constitutivos da práxis do projeto, para, por fim, propomos perspectivas inovadoras ao campo da leitura e escrita nos anos iniciais.

Ao levantarmos os dados que compõem o presente trabalho percebemos a importância da implementação de laboratórios formativos de alfabetização nas Universidades, uma vez que eles se destinam à formação dos futuros profissionais docentes no ensino básico, e de forma semelhante à continuidade dessa formação, ao considerarmos suas ações que envolvem ensino-pesquisa-extensão, além das trocas possíveis entre os sujeitos que os compõem, de maneira interinstitucional, como a Rede AlfaLabs propõe e vem desenvolvendo.

## Referências

ANTUNES, H. S. **Processos de Formação e Memória Docente**. In.: MACHADO, Aline Dubal. [et al]. **Ciclos de Vida Pessoal e Profissional na Trajetória Docente**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, 2004.

ARAÚJO, L. C.; CAMINI, P.; NOGUEIRA, G. M.; ZASSO, S. M. B. (orgs.). **Alfabetização: saberes docentes, recursos didáticos e laboratórios formativos**. Curitiba: CRV, 2022. 360 p.

GOULART, C. M. A.; GONTIJO, C. M. M.; FERREIRA, N. S. de A. (orgs.). **Alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita**. São Paulo: Cortez, 2017.

LUCIO, E. O. **Tecendo os fios da rede: o programa pró-letramento e a tutoria da formação continuada de professores alfabetizadores da educação básica**. 2010. 299 f. Dissertação (Mestrado em Educação.) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LUCIO, E. O. **A palavra conta, o discurso desvela: saberes docentes na formação continuada de professores de leitura e escrita**. 2016. 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LUCIO, E. O. Transvendo a docência na alfabetização das águas. **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAIf**. Belo Horizonte, MG. v.1, n.9, jan/jun 2019.

LUCIO, E. O. Laboratório de Alfabetização para os anos iniciais. Formulário de descrição do Apoio solicitado/Edital PROEG N° 04/2021 P PGRAD/LABINFRA 2022/ UFPA. Belém, 2022.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. 13ª Ed. São Paulo: Cortez; 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Um balanço crítico da “Década da Alfabetização” no Brasil. Cad. Cedes, Campinas, v. 33, n. 89, p. 15-34, jan.-abr. 2013.